



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA**

**MILENA CORREIA DOS SANTOS**

**A personagem mulata em Gabriela, Cravo e Canela: teorias da mestiçagem e da  
democracia racial na literatura amadiana**

**MACEIÓ**

**2022**

**MILENA CORREIA DOS SANTOS**

A personagem mulata em Gabriela, Cravo e Canela: teorias da mestiçagem e da  
democracia racial na literatura amadiana

Trabalho de Curso  
submetido à Universidade  
Federal de Alagoas como  
parte dos requisitos  
necessários para obtenção  
do Grau de Licenciatura  
em História.

**Professora Ana Paula Palamarthuk, Dr.a**

*Orientadora*

**MACEIÓ**

**2022**

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Jorge Raimundo da Silva – CRB-4 – 1528

S237p Santos, Milena Correia dos.

A personagem mulata em Gabriela, Cravo e Canela: teorias da mestiçagem e da democracia racial na literatura amadiana / Milena Correia dos Santos. – 2022.

47 f.

Orientadora: Ana Paula Palamarthuk.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : bacharelado) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 46-47.

1. História e Literatura. 2. Jorge Amado. Mulheres negras. 3.

*Em memória de minha avó, Quitéria.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que agora eu pudesse escrever essas palavras. À minha família, em particular à mulher que enfrentou a maternagem em solidão e fez o melhor possível por mim, minha mãe, à minha irmã Larissa pelo acolhimento e respeito, nossas tímidas demonstrações de afetos são tão importantes para mim quanto eu possa dizer. À minha querida avó, quem primeiro me ensinou sobre o amor, minha saudade hoje é tão grande quanto minha gratidão. Ao meu companheiro de vida Toninho, um presente que felizmente a universidade me deu, muito obrigada por todo amor e escuta, sem você as coisas seriam um pouco mais difíceis. Ao seu Manoel e dona Maria, pessoas que nutro uma enorme gratidão. Aos bons amigos que conquistei, à Luana e Mayara por partilharem comigo a experiência de sair do ninho, vocês foram minha segunda família fora de casa, entre nós não há de faltar lembranças, à Ana Barros e Luana Claudino, muito mais que colegas de sala, amigas, as melhores que a UFAL poderia me dar, obrigada por todas as nossas conversas e apoio nessa longa jornada, três mulheres pretas na Universidade. É nosso. À minha amiga Ana Araújo, pelas conversas e afeto, à Rayssa pelas vezes que me ouviu desabafar sobre a pesquisa, aos meus colegas Mikael e Caio pelas vezes que compartilhamos conversas e pensamentos. À família que me acolheu em São Paulo, vocês também fazem parte disso. Aos professores que participaram não só do meu desenvolvimento acadêmico, mas fizeram parte de quem eu sou, Ana Claudia, Elias, Saldanha, Alberto Lins Caldas, Flávia, Irinéia, Osvaldo, é sob o difícil caminho da educação que transformam vidas. Em especial, à professora e orientadora Ana Paula, que não me abandonou em todos esses anos, suas devolutivas, críticas, questionamentos foram fundamentais para a conclusão desse trabalho, mas sem seu apoio, afeto, carinho e conversas eu não teria conseguido. Seu conhecimento, força e audácia para enfrentar esse mundo é admirável. Paula, obrigada por continuar e acreditar nessa comigo. Ganhei uma amiga. Só cheguei até aqui porque nunca estive sozinha.

## RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o lugar social e político que é atribuído às mulheres negras no romance **Gabriela, Cravo e Canela**, de Jorge Amado, publicado em 1958. A partir da compreensão de que a produção ficcional é também um registro histórico, essa pesquisa tenta fazer uma leitura sistemática do romance. Busca-se investigar quais são os moldes performáticos atribuídos à personagem central, assim como também elencar como tais definições que perpassam a protagonista estão ligadas à ideia de mestiçagem. Por meio dos estudos de Antonio Candido, debate-se a literatura como instrumentalização social na qual está previsto um olhar parcial de quem o escreve e que, portanto, expressa-se na trajetória política e social do escritor Jorge Amado. Retomou-se o romance no intuito de sistematizar, por meio dessa leitura, as relações e reflexões pertinentes que pudessem contribuir para o entendimento do processo histórico de construção de uma imagem das mulheres negras na ficção, mas que se organiza pelas teorias em voga no período da mestiçagem e da democracia racial. Portanto, o trabalho se propõe a discutir a maneira pela qual as mulheres negras foram representadas nessa produção literária amadiana, buscando, assim, entender como o discurso da mestiçagem atinge esse agente histórico. Deste modo, como indica Abdias Nascimento, a literatura, assim como outros instrumentos de discursos, está hegemonicamente “a serviço” da classe dominante, logo são eles que detêm o controle narrativo, produzindo e reproduzindo imagens que reforçam o imaginário social das mulheres negras. Aqui, em **Gabriela, Cravo e Canela**, e da democracia racial se apresentam como um vestígio do projeto arquitetado pelas elites para a população negra no pós-abolição, diluindo a potência da presença negra na narrativa nacional.

**Palavras-chave:** História e Literatura; Jorge Amado; mulheres negras; mestiçagem.

## ABSTRACT

The present research intends to analyze the social and political spot that is assigned for the black woman, in the **Gabriela, Cravo e Canela** novel by Jorge Amado, released in 1958. From the comprehension of fictional production is also a historical record, this research tries to do a systematic reading of this novel. Seek to investigate which are the performance molds attributed to the central character, as well as list how such definitions that underlie the protagonist are linked to the idea of miscegenation. Through studies of Antonio Candido, where literature is debated as a social instrumentalization in which a partial view of those who write it is foreseen, and that, therefore, is expressed in the political and social trajectory of the writer Jorge Amado. The novel was resumed in order to systematize, through this reading, the relations and relevant reflections that could contribute to the understanding of historical process of construction of an image of the black woman in fiction, but that is organized by the theories in vogue in the period of miscegenation and racial democracy. Therefore, the study aims to discuss the way in which the black woman was represented in the literary spectrum amadiano, seeking to understand how the discourse of miscegenation reaches this historical agent. In this way, as indicates Abdias do Nascimento, literature, as well as other instruments of discourse, is hegemonically "at the service" of the dominant class, soon they are the ones who have narrative control, producing and reproducing images that reinforce the social imaginary of black women. Here, in **Gabriela, cravo e Canela**, theories of miscegenation and racial democracy are presented as a vestige of the project devised by the elites for the black population in the post-abolition period, diluting the power of the black presence in the national narrative.

**KEY-WORDS:** History and Literature; Jorge Amado; Black woman; miscegenation.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
Capítulo I - Literatura: coexistência entre escritos, história e sociedade .....	12
Gabriela, Cravo e Canela: onde está a fábula? .....	14
Capítulo II: “Pra mesa e pra cama...” objetivação das mulheres negras e o mito da democracia racial .....	20
2.1. Identidade nacional e o mito da democracia racial .....	20
2.2. Gabriela e as representações das mulheres negras na literatura amadiana .....	25
Capítulo III: Literatura amadiana: trajetória política e literária de Jorge Amado.....	32
3.1. A produção ficcional de Jorge Amado nos anos 30.....	35
3.2. Jorge Amado, União Soviética e a Literatura.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46



## INTRODUÇÃO

Reconheci-me como uma mulher negra dentro da academia, anterior a esse momento não me recordo do reflexo que enxergava no espelho; não era de negra, com certeza não era branca. Disso sempre soube. A consciência da negritude veio somente depois. Junto com o sentimento de descoberta e pertencimento, surgiu uma inquietação: entender sobre essa construção social que encobre, silencia e invisibiliza mulheres negras de contemplar sua identidade racial.

Analisando essa questão, o presente trabalho é fruto do anseio por buscar compreender esse apagamento racial por meio dos processos históricos. Desse modo, pretendeu-se abordar o tema por meio da análise do discurso que constrói a personificação da mulher *mulata*, utilizando a literatura amadiana para investigação historiográfica, apegando-se ao romance de **Gabriela, Cravo e Canela** e ao contexto literário do período.

Para o embasamento teórico buscou-se utilizar autores que viessem a dialogar com o objeto de estudo e suas fontes. Sendo assim, um dos autores utilizados neste trabalho é o crítico literário Antonio Candido, em seu livro **Literatura e Sociedade**, no qual o autor compreende a literatura como espelho da sociedade.

Utilizar o romance amadiano como fonte primária de estudo, torna-se importante para o entendermos o lugar que é atribuído às mulheres negras no Brasil. Assim, percebe-se a necessidade de construir uma História que traga em sua centralidade esse debate. O trabalho nasceu de uma tentativa em analisar e compreender a construção narrativa da chamada *mulata* e as características atribuídas a esse sujeito. Propomos demonstrar que tais atribuições, possivelmente, não só incorporam as produções ficcionais, como também transcendem o discurso e tornam-se parte encarnada do que entendemos como sociedade. A investigação propõe-se pensar sobre os processos históricos que estruturam a imagem das mulheres negras no imaginário nacional.

O romance de Jorge Amado, **Gabriela, Cravo e Canela** é lido como fonte primária e servirá de manancial analítico para a pesquisa. O historiador aprende que o uso das fontes é parte fundamental para a pesquisa historiográfica. Consciente disso, este trabalho faz um cruzamento de fontes documentais, tendo como base o romance **Gabriela**. O desenvolvimento da pesquisa está ancorado na perspectiva teórica que apresenta a literatura como ferramenta imprescindível para o entendimento das práticas sociais e sobre como a aplicação desses discursos participam do apagamento racial que vitimiza mulheres negras encurraladas pelo mito da democracia racial e, por último,

buscamos no debate sobre biografia histórica, empreendido por P. Bourdieu para articular aspectos da obra ficcional e da vida social e política de Amado.

Tendo em vista essas questões, buscou-se, por meio da análise literária do romance *Gabriela*, compreender como se deu a construção da narrativa sobre as mulheres negras no cenário nacional, cruzando a produção ficcional a outras fontes historiográficas. A leitura do romance deu espaço interpretativo na busca para entender a aproximação entre a produção amadiana de *Gabriela* e a vivência permitida e atribuída às mulheres negras – ou à *mulata*.<sup>1</sup>

Por razões metodológicas, este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo propõe uma análise crítica literária centrada no romance amadiano de **Gabriela, Cravo e Canela**, a partir da compreensão atribuída à literatura como produto social. Aqui, busca-se entender os limites e horizontes que a literatura pode estabelecer ao ser utilizada como fonte. O capítulo dedica-se também ao conceito de trajetória cunhado pelo sociólogo francês Bourdieu<sup>2</sup>, que trata da necessidade de perceber que toda produção literária é escrita por um ser social, sendo possível haver cruzamentos entre as opções narrativas com experiências sociais e políticas de quem a escreve. Elaborando, assim, um debate sobre a relevância da literatura na dinâmica social.

No segundo capítulo, buscou-se entender o lugar que é atribuído às mulheres negras brasileira na narrativa hegemônica da História do Brasil oficial e na literatura nacional. Pretende-se entender qual o imaginário social é mobilizado para colocar as mulheres negras numa moldura de exploração sexual. O desenvolvimento dessas questões se baseia nas ideias do sociólogo Gilberto Freyre<sup>3</sup>, nas quais se expressam como tais construção narrativas estão ancoradas no mito da democracia racial, com suporte teórico de autores como: Abdias Nascimento, Kabengele Munanga e Lélia Gonzalez - os dois primeiros elaboram estudos com base no debate racial brasileiro, discutindo sobre suas origens e conflitos; já Gonzalez encara a questão racial do país com potência,

---

<sup>1</sup> Quando, neste trabalho, o termo *mulata* for utilizado, estará igualando-se a categoria racial: negra. Pois, o intuito da pesquisa é elaborar um debate em torno das questões raciais, pensando no lugar social das mulheres negras na narrativa racial brasileira. Principalmente, ao que se refere a versão feminina do termo; a ideia de que o termo seria uma derivação de *mulus*, no latim que significaria *mula*, animal híbrido fruto do cruzamento do asno com égua. Ao longo do século XVI, na América hispânica utilizou-se o radical da palavra *mulu* para a criação da derivação *mulato*, como uma comparação ao aspecto animalesco da suposta inferioridade e infértil dessa raça; segundo, o termo reforçaria e existência da democracia racial que coloca as mulheres negras na óptica da sexualização e do branqueamento.

<sup>2</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Bibliográfica. In: Janaina Amado e Marieta Moraes Ferreira, coordenadoras. **Usos & Abusos da história oral** – 8. ed. – Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006.

<sup>3</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed. rev. São Paulo. Editora Global, 2003.

questionando e confrontando as narrativas políticas e a maneira como elas personificam as mulheres negras dentro e fora da literatura.<sup>4</sup>

No último capítulo, procura-se esmiuçar a trajetória política e social do autor Jorge Amado, resgatando acontecimentos da vida do escritor que podem demonstrar seu envolvimento não só artístico, mas, principalmente, político. Analisando artigos e reportagens publicadas em jornais de grande circulação nacional, consultando a entrevista realizada por Alice Raillard<sup>5</sup>, a partir da ideia de trajetória, abordada no primeiro capítulo. Aqui, tentamos perceber como não é possível separar o escritor da sua produção. Entendemos que as *escolhas* narrativas do autor podem estar intrinsicamente ligadas às suas preferências políticas e sociais. Para isso, foi importante compreender o afastamento de Jorge Amado do PCB a partir de 1958, depois de quase 3 décadas de engajamento partidário, e como esse afastamento também se revela em uma continuidade daquilo que produziu durante o movimento literário dos anos 1930.

---

<sup>4</sup> Principais referências teórico metodológicas neste trabalho:

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. – 3ª ed. - São Paulo, Perspectiva, 2016;

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. – 5ª ed. rev. – Belo Horizonte, Autêntica, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte. Scripta. 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. In: Flávia Rios e Márcia Lima, organizadoras. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

<sup>5</sup> RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro, Record, 1990.

## Capítulo I - Literatura: coexistência entre escritos, história e sociedade

Os historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira nos dizem que qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada – isto é, situada no processo histórico -, e assim, precisa ser devidamente interrogada.<sup>6</sup>

A ideia de “transcendência” da literatura – uma vez vista apenas pela perspectiva de pertencimento artístico, – por ser entendida como inexplicável na medida em que é resultado do trabalho de “criadores singulares” e que, por isso, suas obras poderiam apenas ser entendidas por critérios estéticos.<sup>7</sup> Assim, o trabalho que pretendo construir, busca entender a literatura como fonte historiográfica, como articulação cultural e que como qualquer outro testemunho histórico, precisa ser contextualizado na dinâmica social e a maneira como constroem relações com a realidade.

A literatura como fonte histórica não pretende “dizer” mais que qualquer outra. Pensar o contexto e o lugar social de quem escreve são questões essenciais para pensar questões, temas e interpretações possíveis. Essa abordagem requer todo o cuidado e delicadeza por parte do historiador para utilizar como metodologia de análise a crítica literária, além da revisão bibliográfica que traga em suas reflexões como a literatura exprime o contexto social. Deste modo, analisar como a literatura é abordada na elaboração historiográfica é o escopo desse capítulo, partindo da:

[...] necessidade de destrinchar sempre a especificidade de cada testemunho. Assim, por exemplo, ao historiador resta descobrir e detalhar com igual afincamento tanto as condições de produção de uma página em livro de atas, ou de um depoimento em processo criminal, quanto as de um conto, crônica ou a outra peça literária. Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa para si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real, cabe desvendar aquilo que o sujeito testemunha sem ter a intenção de fazê-lo, investigar as interpretações ou leituras suscitadas pela intenção (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar a *lógica social do texto*.<sup>8</sup>

Assim, a análise proposta envolve o sujeito que a produz, uma vez que entendo o processo de escrita literária como componente do contexto em que integra os aspectos

---

<sup>6</sup> CHALHOUB Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: idem (org), **História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

<sup>7</sup> CHALHOUB; PEREIRA. *Op Cit.* 1998, p. 7.

<sup>8</sup> CHALHOUB; PEREIRA. *Op. Cit.* 1998, p. 8.

sociais e a vida artística e literária nos seus diferentes momentos.<sup>9</sup> Sainte-Beuve fala sobre a relação entre artista e o meio.

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.<sup>10</sup>

Partindo da ideia de que o escritor é parte da sociedade e, assim, “diante de sua posição social no mundo”<sup>11</sup> admite-se, então, que a arte atravessa os aspetos sociais e políticos, portanto, é dessa forma que abordaremos a produção amadiana. Sabendo da importância de trabalhar a literatura como fonte histórica e fazendo o exercício de questioná-la devidamente, buscando a relação entre história e literatura, “entendendo o romance como uma particularidade de uma totalidade concreta”.<sup>12</sup>

Num primeiro momento, nos dedicamos a dialogar sobre a importância de tratarmos as fontes documentais na elaboração historiográfica; a partir desse ponto, o romance é apresentado como eixo articulador desta monografia, na tentativa de construir uma conjectura, na qual a literatura se mostra parte imprescindível do entendimento social no que se refere ao imaginário social construído e atribuído às mulheres negras no Brasil.

Jorge Amado, em 1958, publica o romance intitulado de **Gabriela, cravo e canela**, cuja narrativa traz como personagem central a figura feminina, *mulata* e sexualizada. A partir dessas principais características atribuídas à personagem, a análise sobre o romance busca também entender sobre quem o escreve.

Para o sociólogo Pierre Bourdieu<sup>13</sup>, falar de história da vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história, que uma vida é inseparável do conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como história e relato da história.<sup>14</sup> Embora não seja esse o cerne da discussão, o conceito de “trajetória”, pensado pelo autor, define que se articula a partir de uma série de posições sucessivamente ocupados por um mesmo agente - ou grupo social - num espaço que ele próprio é um devir, estando sujeito a incessantes transformações.<sup>15</sup> Assim, para ele é

---

<sup>9</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. - 9ª ed. - Rio de Janeiro. Ouro sobre azul. 2006, p. 27.

<sup>10</sup> SAINTE-BEUVE *apud* CANDIDO. *Op Cit.* p. 28.

<sup>11</sup> FERREIRA, Ligia dos Santos. **De Gabriela a Tieta**: a configuração das heroínas periféricas amadianas nos espaços de modernização rural e urbana. Alagoas, 2009, p. 12.

<sup>12</sup> FERREIRA, Ligia dos Santos. *Op. Cit.* p. 13.

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op Cit.* p. 189.

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op Cit.* p. 189.

<sup>15</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op Cit.* p. 189.

necessário entender como determinadas trajetórias se desenrolaram e como o conjunto de suas relações, devem levar em conta que “não podemos nos furtar à questão dos mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade”.<sup>16</sup> Entendendo os limites da abordagem de Bourdieu, já que pode não dar conta de outros aspectos como as preferências estéticas, ainda assim contribui na orientação metodológica da pesquisa quanto à trajetória do escritor Jorge Amado.

### Gabriela, Cravo e Canela: onde está a fábula?

Publicado em 1958, **Gabriela, Cravo e Canela** se tornara- rapidamente um dos romances mais importantes do escritor Jorge Amado. O escritor - que fez parte dos integrantes o quadro de intelectuais no século XX – havia concluído o livro em Petrópolis, no Rio de Janeiro, e teve sua 1ª edição pela Livraria Martins Editora. O romance tornou um sucesso de vendas, logo em suas primeiras edições, sendo a obra mais traduzida do escritor.

A narrativa sofreu diversas críticas de companheiros partidários de Jorge Amado, pois diziam que a obra se tornara folclórica, que era a negação da obra passada.<sup>17</sup> Em 1955, o escritor se afastou do PCB, onde segundo ele, “vivia e trabalhava como funcionário do partido, do ‘quadro do Partido’”<sup>18</sup>, desde 1945. Embora houvesse denúncias de Jorge Amado para com seu comprometimento literário inicial, em entrevista à Aline Raillard, ele negou dizendo: “minha obra é uma unidade, do primeiro ao último momento”<sup>19</sup>, em entrevista realizada. Em uma nota publicada no jornal **Correio da Manhã**, em 1957, pouco antes do lançamento de **Gabriela...**, Amado explica:

Jorge Amado estava escrevendo um romance que se intitulava “Acontecimentos de Areia Branca”. Mas acontece que uma das histórias paralelas à história central – ou melhor: um episódio verídico ocorrido em Ilhéus em 1925 – acabou absorvendo o interesse do escritor, que resolveu retirá-la do livro e com ela fazer outro romance. E esse romance, que já recebeu o título de “Gabriela, cravo e canela”, está quase pronto: foram escritas 150 páginas, e Jorge pretendo concluí-lo dentro de um mês, se lhe sobrar tempo para dedicar algumas horas diárias à narrativa

O assunto pode ser resumido em poucas palavras: certo árabe solteirão apaixonou-se por uma cozinheira e decide torná-la sua amante. Dá-lhe joias, vestidos, sapatos, perfumes. Ao cabo de algum tempo, porém, descobre que a mulher não

---

<sup>16</sup> BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* p. 185.

<sup>17</sup> RAILLARD, Alice. *Op. Cit.* p. 266.

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*, p. 264.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 276.

lhe é fiel. Resultado: toma-lhes as joias, os vestidos, os sapatos e os perfumes, mas a conversa em casa, como cozinheira  
- Será um romance quase fábula – diz Jorge Amado ao noticiarista.

Nesse primeiro momento, podemos observar o que foi dito pelo escritor ao jornal; uma história secundária à narrativa até então principal, tomou tanto espaço que acabou protagonizando o romance. Para Jorge Amado, o romance é uma quase fábula. Mas afinal, quais razões levariam esse romance à fábula?

O romance se passa na pequena cidade de Ilhéus, no litoral sul do Estado da Bahia, em 1925 e traz como protagonista a personagem **Gabriela**, uma mulher *mulata*, retirante do sertão da Bahia, que chega na pequena cidade da zona cacauzeira para fugir da fome. Ela é, então, encontrada por Nacib no lugar denominado “mercado dos escravos”.<sup>20</sup>

De acordo com a antropóloga Mariza Corrêa, em seu artigo intitulado **Sobre a invenção da mulata**, é necessário compreender que o estigma de mulher que circunda a etnicidade da personagem é objeto de inúmeros discursos médicos, literários e carnavalescos.<sup>21</sup> Segundo Corrêa, há uma divisão do sujeito *mulata*, uma que ela chama de “a mulata desejável” e outra, “a mulata indesejada”. No primeiro caso, a figura mestiça é aceita, mas sexualmente explorada. E o – o uso de alegorias como o paladar e o olfato, por exemplo, intitular o romance com termos como: cravo e canela, apresenta-se como artifício para potencializar essa sexualização. É a imagem da mulher mulata explorada.

Rebolado e da televisão, a mulata, assim construída como um objeto de desejo, tornou-se um símbolo nacional. Em sua última encarnação, na vinheta globeleza, na qual a tecnologia utilizada para representá-la é pelo menos tão importante como sua corporificação de todos aqueles atributos mais antigos, temos uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginária, que resume ou sintetiza todas as suas antepassadas.<sup>22</sup>

Pensando nesses pontos, Gabriela surge como um possível objeto para o fortalecimento da construção de sexualidade, gênero e raça - em pontos bem específicos do que pode e deve esperar do conjunto desses marcadores. A narrativa traz como protagonista a figura feminina, *mulata*, pobre e baiana de Gabriela, envolta em sexualidade, crenças, ingenuidades e promiscuidades. Durante uma boa parte do romance, Jorge Amado lança mão da imaginária mulher mestiça e quando a enche de características físicas “atrativas”, como a da mulher sorridente, dada aos elogios, boa

---

<sup>20</sup> O aprofundamento em torno das relações ligadas à Gabriela, figura central do romance, e o debate racial em torno dela, serão retomados com mais potência no segundo capítulo deste trabalho.

<sup>21</sup> CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 6/7, 2010, p. 37.

<sup>22</sup> CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.* p. 40.

cozinheira, surge a expressão maior da mestiçagem, a cor de canela. As performances que desenham a mulher mestiça não aparecem só no trabalho de Gilberto Freyre, mas estão presentes em boa parte da literatura brasileira em personagens femininas *mulatas* de características semelhantes. Pensando no comportamento que são atribuídos à *mulata*, os espaços que devem ou podem ocupar, nas vivências narradas, segundo Corrêa, a mulata é puro corpo, ou sexo, não “engendrado” socialmente e que, com sua cintura fina provoca descenso social e desordem no cotidiano. Conceição Evaristo leva esse argumento à radicalidade da análise social sobre a ficcional:

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor.<sup>23</sup>

A relação entre a protagonista e seu patrão é um dos focos da narrativa. O romance estabelece duas distintas relações entre Gabriela e Nacib, já que esse, além de seu patrão, torna-se seu amante. Ambas as relações serão romantizadas na narrativa. Como apresenta-se nos seguintes trechos, segundo Nacib, Gabriela é: “morena e tanto, essa empregada”, além de ter “uns olhos, meu Deus... E da cor queimada que ele gostava”.<sup>24</sup> Sobre a construção narrativa da relação entre Gabriela e Nacib, segue um trecho:

Quanto ao corpo – aquele fogo de amor a consumi-la no leito, aquela loucura de noites atravessadas insones -, prendeu-se a ele, insensivelmente. Nos primeiros tempos, apenas certas noites a procurava [...]. Então decidia deitar-se com ela, à falta de outra coisa a fazer. Mas durara pouco essa displicência. Logo habituara-se de tal maneira à comida feita por Gabriela que, convidado a jantar com Nhô-Galo no dia de seu aniversário, mal provara os pratos, sentido diferença na finura do tempero.<sup>25</sup>

São constantemente encontradas no romance comparações entre a personagem de Gabriela e as iguarias: cravo e canela. A essa questão, o professor e pesquisador da área de literatura brasileira Eduardo de Assis Duarte aponta: “vê-se que a pele da mulher ‘cor de canela’ está em analogia com a cor da terra e não apenas em termos de epiderme. Vincula-se, também, à viabilidade do sonho de Nacib em se tornar produtor rural”.<sup>26</sup> Nesse trecho, Duarte não apenas questiona os interesses e ambições de Nacib, como

---

<sup>23</sup> EVARISTO. Conceição. *Op. Cit.* p. 23.

<sup>24</sup> AMADO, Jorge. *Op. Cit.* p. 118.

<sup>25</sup> Idem. *Ibidem*, p. 149.

<sup>26</sup> DUARTE. Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas**: literatura, gênero e etnicidade. vol – 17 A, 2009, p. 10-11.



também vincula o título do romance às pretensões do personagem. Nesse momento, a figura mulata de Gabriela é fértil de maneira metafórica, embora não biologicamente.

É importante integrar à discussão as reflexões sobre o fazer, pensar e veicular o texto literário negro<sup>27</sup>. Para a escritora Conceição Evaristo, pensar sobre a construção da personagem negra na literatura brasileira é questionar se há ou não uma literatura afro-brasileira, ao que ela mesma responde que não só há um texto literário negro, mas também há a presença de uma vertente negra feminina. A literatura brasileira é branca e, para Cuti, existe o propósito de invisibilizar e estereotipar o negro e o mestiço.<sup>28</sup> A hegemonia da “produção cultural” brasileira pertence à classe privilegiada, burguesa, latifundiária em um sistema agroexportador e escravista, que domina a produção de uma cultura nacional, uma língua nacional, uma literatura nacional, uma arte nacional.<sup>29</sup>

Já em Gregório de Matos, começa a se desenhar o paradigma de sensualidade e sexualização atribuídas às mulheres negras e mulatas presentes na literatura brasileira.<sup>30</sup> José Maurício Gomes de Almeida observa que Gregório de Matos lidava mal com a mestiçagem brasileira. Uma vez que o poeta, assim como outros, apresenta um profundo mal-estar com “os mulatos desavergonhados”, termos com os quais Gregório de Matos deixa transparecer o despeito de muitos brancos diante do crescente número de mestiços, filhos de senhores que, como alforriados, ocupavam um espaço social intermediário.<sup>31</sup>

A infertilidade é uma marca que persegue as mulheres negras na literatura, o que implica em abalar a própria ideia de afrodescendência<sup>32</sup>. Para Evaristo, a literatura brasileira “mata” a prole das mulheres negras quando não lhes confere nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe.<sup>33</sup> Assim, pode-se dialogar sobre a personagem feminina *mulata* que protagoniza o romance de Jorge Amado, pensando em como o romance sexualiza essa mulher ao mesmo tempo em que lhe nega a maternidade.

Em **Casa-Grande & Senzala**, Freyre destaca a influência negra na formação da nossa identidade. “Da mulata [...] que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu o ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem”<sup>34</sup>, ou seja, o corpo sexual

---

<sup>27</sup> EVARISTO, Conceição. *Op. Cit.* p. 17.

<sup>28</sup> CUTI, apud EVARISTO. Conceição *Op. Cit.* p. 20.

<sup>29</sup> BOSI, Alfredo. **Por um historicismo renovado**: reflexo e reflexão na história literária. 2000. p. 13.

<sup>30</sup> EVARISTO. Conceição. *Op. Cit.* p. 20

<sup>31</sup> ALMEIDA apud EVARISTO. *Op. Cit.* p. 20.

<sup>32</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. *Op. Cit.* p. 7.

<sup>33</sup> EVARISTO. Conceição. *Op. Cit.* p. 23.

<sup>34</sup> FREYRE. Gilberto. *Op. Cit.* p. 367.

das mulheres negras não é fértil, é apenas sexual. Segundo Evaristo, o modo como a ficção revela, com mais intensidade, o desejo da sociedade brasileira de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional, se dá nas formas de representação das mulheres negras no interior do discurso literário.<sup>35</sup>

A exaltação do corpo e da sexualidade da mulher *mulata* mais como sujeitos desejantes, do que como objetos do desejo masculino, mostra-se em Gabriela e Glória se na narrativa de **Gabriela, Cravo e Canela**, como amantes lascivas, prostitutas ou mulheres em busca de realização amorosa e pessoal. De uma forma ou de outra, carregam consigo os traços do estereótipo. A afrodescendência marca sua constituição enquanto personagens, mas, também, seu caráter de figuras híbridas, nem brancas, nem negras.<sup>36</sup> Assim como no romance, as “negrinhas” são para o trabalho, as *mulatas* podem ser belas amantes, e assim são. A sexualização exacerbada de Gabriela é reforçada em todo o romance. E se perpetua em todas as relações e com todos os parceiros sexuais da personagem. Vários são os momentos em que o corpo de Gabriela é usado como "objeto" narrativo, principalmente, numa atribuição de mulher sedutora, promíscua e imoral. São esses aspectos e elementos que constroem o caráter feminino e racial da protagonista do romance.

Portanto, entender as relações étnicas, classistas e de gênero, na narrativa de **Gabriela, cravo e canela**, principalmente, quanto as construções da personagem central do romance, marcada pela sua sexualidade, é o centro dessa pesquisa.

Na narrativa, o lugar do protagonismo feminino e mestiço de Gabriela, às vezes, é perturbador. Marcada pelo mito da democracia racial, a protagonista do romance de Jorge Amado, traça suas performances e lugares em torno do romance. A forma mística e híbrida que Gabriela assume, seria fruto da construção social que lhe é atribuída como mulher *mulata*. Ao analisar as relações raciais brasileiras dentro do contexto literário a escritora Conceição Evaristo, afirma:

No romance **São Bernardo** (1934), de Graciliano Ramos, Casimiro Lopes, também um personagem negro, aparece como alguém possuidor só de uma meia linguagem. Casimiro, um empregado fiel – estereótipo renovado do escravo passivo, dócil -, surge descrito pelo personagem-narrador como alguém ‘dono de vocabulário mesquinho’, que gaguejava ao falar e que, tendo aprendido ‘alguns termos com o pessoal da cidade’, repete-os sem propósito, em falar sem sentido.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> EVARISTO. Conceição. *Op. Cit.* p. 23.

<sup>36</sup> DUARTE. Eduardo de Assis. *Op. Cit.* p. 10.

<sup>37</sup> EVARISTO, Conceição. *Op. Cit.* p. 22.

Refletindo sobre o romance de Graciliano Ramos, Evaristo apresenta como as narrativas literárias utilizam do sujeito *mulato*. Embora a cerne desta pesquisa esteja centrada na figura da *mulata*, é importante construir um debate em torno dessas narrativas para analisar como esses sujeitos históricos aparecem nas produções ficcionais. Se em **São Bernardo**, Casimiro é um homem de pouca instrução intelectual, pouco alfabetizado; em **Gabriela, Cravo e Canela**, a personagem central é dotada de atribuições sexuais e de infantilização. É possível perceber, portanto, como o gênero apresenta ser um fator determinante nas designações dadas a mulher *mulata* ou para o homem *mulato*. Embora sejam incumbidos por papéis distintos, ambos exercem um comportamento de subalternidade e marginalização.

Percebendo esse discurso, o trabalho propõe-se romper com debates que abordam Gabriela como uma mulher afrente do seu tempo – quase feminista – na medida que essa pesquisa busca analisar as problemáticas que surgem em torno de alguns marcadores da personagem: gênero e raça.

## Capítulo II: “Pra mesa e pra cama...” objetivação das mulheres negras e o mito da democracia racial.

*Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu.*

(Lazzo Matumbi, **14 de maio**)

### 2.1. Identidade nacional e o mito da democracia racial.

A história hegemônica do Brasil é baseada no conceito de mestiçagem, explicada pelo cruzamento das três raças, sendo duas dessas – índios e negros - classificadas por critérios de inferioridade cultural e biológica. Segundo a historiadora Seyferth, “acreditava-se que haveria uma ação seletiva agindo na sociedade, onde o resultado seria a ‘depuração’ gradativa dos mestiços fazendo prevalecer as características da raça branca. Sendo essa, a tese do branqueamento racial brasileiro”.<sup>38</sup> Demonstrando deste modo, o lugar reservado ao negro na construção da formação nacional do Brasil.

Estabelecido no final do século XIX no pós-abolição o debate sobre mestiçagem e miscigenação vem perpassando o pensamento brasileiro na questão racial. Em 1888, com o fim do sistema escravista, estudiosos brasileiros são colocados frente a um problema até então não fundamental por esta perspectiva: a construção de uma identidade nacional. Para o antropólogo Kabengele Munanga, essa nova questão “se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os ex-escravizados negros”.<sup>39</sup>

Mas como torná-los membros fundamentais na formação da nacionalidade brasileira se na lógica estruturada pelo sistema vigente - num passado não muito distante - esses indivíduos eram considerados apenas corpos objetificados e reificado para exploração de trabalho compulsório?

A solução para a pergunta colocada acima, por vezes, apresenta-se como aniquilação do negro. Assim foi diagnosticado por um dos principais nomes dos estudos raciais no Brasil, Abdias Nascimento em seu livro intitulado **O genocídio do negro**

---

<sup>38</sup> SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117 – 149, 2002, p. 130.

<sup>39</sup> MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.* p. 51.

**brasileiro:** “Para a solução deste grande problema – a ameaça da 'mancha negra' - já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra”, e assim, “originando os produtos de sangue misto: o mulato”.<sup>40</sup>

Mais à frente construiremos um debate utilizando o estudo da filósofa Angela Davis, sobre como o cientificismo racista atuará entre o final no século XIX e o início do século XX, quando a elite brasileira buscará arcabouço teórico na ciência eurocêntrica, tida como centro do conhecimento, tentando encontrar caminhos para tratar a questão racial. Deste modo, os intelectuais brasileiros estiveram atuando sob a influência do “cientificismo racista” europeu.

O instrumento de apagamento do negro brasileiro encontrado pela elite brasileira se deu no processo imigratório, ocorrido a partir da segunda metade do século XIX. De acordo com Nascimento, a “orientação predominante racista da política imigratória foi instrumento básico nesse processo de embranquecer o país”.<sup>41</sup> Investiram nessa política imigratória por estarem convencidos da inferioridade de negros e indígenas, e da maioria de mestiços, fadados ao desaparecimento no curso da história formativa do tipo brasileiro.<sup>42</sup> Segundo Lélia Gonzalez:

Deve-se notar que o período histórico mencionado acima (que corresponde à chamada “grande imigração”) foi uma época em que os ideólogos do branqueamento elaboravam suas teses sobre a superioridade da raça branca chamando a atenção, acima de tudo, para os perigos que ameaçavam o Brasil de não se tornar um país civilizado por conta de seus negros, índios e mestiços. Herdeiros colonizados das teorias racistas europeias.<sup>43</sup>

O escopo da política de embranquecimento era apagar a “mancha negra”, a herança do DNA e da geografia do corpo negro. As intenções desse projeto já se mostravam claras quando em 1899, curtos anos após a abolição, o então “ministro das finanças Rui Barbosa, ordenou a incineração de todos os documentos – registros estatísticos, demográficos, financeiros – pertencentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados”.<sup>44</sup> Sabendo que, ausência do testemunho documental dificulta a elaboração historiográfica, pois a documentação é imprescindível ao ofício do historiador, tudo isso evidencia que, desaparecimento de todo esse material caracteriza a instrumentalização “de controle social e ideológico: o que deveria ser o espelho de nossas relações de raça se torna apenas um travesti de realidade. E as informações que poderiam

---

<sup>40</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 83.

<sup>41</sup> Idem. *Ibidem.* p. 85.

<sup>42</sup> SEYFERTH, Giralda. *Op. Cit.* p. 131.

<sup>43</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. Cit.* p. 153.

<sup>44</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 93.

utilizar em busca dignidade, identidade e justiça”<sup>45</sup>. O estudo historiográfico por meio das fontes documentais colabora para o alinhamento e compreensão de determinados contextos. Logo, o desaparecimento de tais fontes historiográficas comprometem o estudo e, até mesmo o embasamento científico da pesquisa.

Esse projeto geraria o apagamento do sujeito e, também da narrativa do negro no Brasil. Para Gonzalez, “a ideologia do branqueamento se constitui como pano de fundo dos discursos que exaltam o processo de miscigenação como expressão mais acabada da nossa democracia racial”<sup>46</sup>.

A fim de compreendermos sobre a formação identitária do Brasil, iremos discorrer sobre a tão falada: democracia racial. A relação perpetrada pelos senhores brancos contra negras e índias, foi uma cruel forma de *reproduzir* uma mão de obra escravizada. Garantida pelo estupro colonial e permanecendo a com elaboração do mito da democracia racial no imaginário social, pois teria sido a miscigenação parte do processo formador do povo brasileiro. Portanto, não esqueçamos que a violência contra as mulheres negras e indígena, apresenta-se como um dos traços mais perversos da história do Brasil, perpassando a construção de nossa identidade nacional e estruturando o mito da democracia racial. Mas afinal o que é a “democracia racial”? Para o sociólogo Abdias Nascimento:

Devemos compreender “democracia racial”<sup>47</sup> como significado a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da “marcha negra”<sup>48</sup>.

A crença de que o Brasil é um país livre de preconceitos e discriminações raciais tomou força no Brasil dos anos 1930. Essa imagem positiva das relações raciais no Brasil foi gerada pelo mito da democracia racial. Essa espécie de dissolução imaginária serviu para aliviar tensões e contradições no campo político, socioeconômico e historiográfico, pois enquanto o discurso perpetuado falava que a mestiçagem era uma característica inerente do povo brasileiro, o lugar do mulato equivale àquela destinada ao negro: para

---

<sup>45</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 93.

<sup>46</sup> GONZALEZ, Lélia, *Op. Cit.* p. 27.

<sup>47</sup> O termo democracia racial, como é comumente reconhecido, curiosamente, ao menos em Casa Grande & Senzala, Freyre não o utiliza, referindo-se a uma democracia de cunho social, calcada em princípios de ampla mobilidade social e interracial.

<sup>48</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p.111.

os homens, preguiçoso, infantil, malandro: e, - para as mulheres, foga, fácil, boa de cama. Mas esse mestiço é travestido de alguns privilégios, segundo Nascimento, “situado no meio do caminho entre a casa grande e a senzala, o mulato prestou serviços importantes à classe dominante”.<sup>49</sup> Durante o período da escravidão, ele foi capitão do mato, executando tarefas de confiança para seu senhor, e assim o “erigiram como um símbolo da nossa “democracia racial”. Nele se concentraram as esperanças de conjurar a ameaça racial<sup>50</sup>. Usado como categoria para o primeiro degrau em direção ao branqueamento do povo brasileiro, “ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra”<sup>51</sup>. A ideia de que havia uma democracia racial no Brasil vem sendo sustentada há muito tempo. Constituída como uma espécie de deturpação originada do período colonial, como uma compensação a inclusão do mestiço no ciclo central da “casa grande”, ou seja, uma reação a ascensão social do *mulato*. De acordo com Munanga, o mito da democracia racial:

Tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, *permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades* e impedindo os membros das comunidades não brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade. Ou seja, encobre os conflitos raciais possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção de uma identidade própria.<sup>52</sup>

Essa classe dominante citada acima detém inúmeros aparatos de “controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas – a imprensa, o rádio, a televisão – a produção literária”.<sup>53</sup> Pensemos, no Brasil o projeto de assimilação entre literatura e história nacional prosperou. Em especial, para esse trabalho pretendemos mostrar a atuação da produção literária como instrumentalização de controle a serviço dos interesses das elites dominantes, a fim de “destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria”.<sup>54</sup> Sem o poder de exercer sua autodefinição, negras (os), mulatas (os), ficaram reféns das narrativas criadas por essa classe.

Há inúmeras maneiras de perpetrar a violência sexual sofrida pelas mulheres negras. A filósofa Angela Davis defende que, “essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas”, mas também encontram aparato nos

---

<sup>49</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 83.

<sup>50</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 83.

<sup>51</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 83.

<sup>52</sup> MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.* p. 83. Grifos meus.

<sup>53</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 112.

<sup>54</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 112.

textos literários “que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais”.<sup>55</sup> Essa narrativa disseminou a ideia de que tais atos, seriam uma concessão natural.

Mais à frente será detalhado como Jorge Amado integra a questão racial, destacando sua visão sobre a figura das mulheres negras e *mulatas*. Para Munanga, a “apresentação da mulata ‘sensual e erótica’ no imaginário coletivo ou popular brasileiro [...] encontra eco na maioria das obras eruditas da literatura brasileira”.<sup>56</sup> A aparição desses personagens de modo geral “compõem em conjunto uma convenção literária sensivelmente homogênea”.<sup>57</sup> Tal representação forjada da mulata na literatura foi arranjada em conjunto com a narrativa estabelecida como “oficial” aos negros no Brasil.

Embora haja um esforço para esconder as feridas da discriminação racial, se olharmos cuidadosamente iremos perceber os conflitos raciais existentes na realidade social do país. De acordo com a socióloga Lélia Gonzalez, a lei Afonso Arinos <sup>58</sup>, de 1950, “é a prova cabal da existência dos processos de discriminação em nosso país”<sup>59</sup>, principalmente, porque quando aplicada, ela pareceu funcionar muito mais contra do que a favor das pessoas negras.

Introduzida quase como uma alegoria da realidade, o mito da democracia racial é um engenho monstruoso tentando acobertar há anos a vivência designada ao povo negro brasileiro, a falsa ideia de estarem resguardados sob privilégio de serem “quase brancos”. É como se estivessem amparados em um racismo à brasileira, sendo necessário codificar as particularidades desse racismo, pois esse se mostra diferente do racismo estadunidense, ou do apartheid da África do Sul; mas tem facetas tão cruéis quanto qualquer outro. Ergue-se o mito da democracia racial como um troféu antirracista, mas ele não dá conta de sustentar sua própria invenção.

---

<sup>55</sup> DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo. 2016. p. 181.

<sup>56</sup> MUNANGA. Kabengele. *Op. Cit.* p. 92.

<sup>57</sup> MUNANGA. Kabengele. *Op. Cit.* p. 92.

<sup>58</sup> Lei que previu tornar contravenção penal a discriminação racial. Tendo com autor o deputado Afonso Arinos de Melo Franco, a lei foi elaborada e promulgada no início dos anos 1950. No artigo escrito por Grin e Maio, publicado, intitulado: “O antirracismo da ordem no pensamento de Afonso Arinos de Melo Franco”, os autores abordam o debate acerca da elaboração e autoria da lei. Para eles, ao transformar o preconceito racial em contravenção, Arinos procurou esvaziar politicamente a questão racial ao deslocá-la para plano da moral, pois assim estaria tentando evitar as tensões causadas pelos conflitos raciais, mais do que reconhecendo as necessidades políticas do movimento negro. GRIN, Monica; MAIO, Marcos Chor. O antirracismo da ordem no pensamento de Afonso Arinos de Melo. **Topoi**. v. 14, n. 26, p. 33 – 45, 2013.

<sup>59</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. Cit.* p. 31.



## 2.2. Gabriela e as representações das mulheres negras na literatura amadiana.

*Nunca foi caso de amor  
Como se pode alegar  
Era caso de estupro  
Que à negra ia abusar  
O senhor da Casa Grande  
Mui cruel e dominante  
Pronto pra violentar*

(Jarid Arraes, **Não me chame de mulata**)

Uma das características históricas mais brutais atribuídas ao racismo foi a apreciação de que homens brancos possuiriam total e irrefutável direito ao corpo das mulheres negras. O Brasil, segundo Abdias Nascimento em **O genocídio do negro brasileiro**, “[...] herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pelas mulheres negras, não só durante a escravidão”.<sup>60</sup> De acordo com a filósofa Angela Davis:

A escravidão se sustentava tanto na rotina do abuso sexual quanto no tronco e no açoite. Impulsos sexuais excessivos, existentes ou não entre os homens brancos como indivíduos, não tinham nenhuma relação com essa verdadeira institucionalização do estupro. A coerção sexual, em vez disso, era dimensão essencial das relações sociais entre o senhor e a escrava. Em outras palavras, o direito alegado pelos proprietários e seus agentes sobre o corpo das escravas era uma expressão direta de seu suposto direito de propriedade sobre pessoas negras como um todo. A licença para estuprar emanava da cruel dominação econômica e era por ela facilitada, como marca grotesca da escravidão.<sup>61</sup>

Tal violência contra as mulheres negras foi enraizada tão brutalmente que perpetuou no pós-abolição. Oriunda dessa herança cruel, as mulheres negras no Brasil, arrastam consigo séculos adentro o estigma de: objeto de prazer dos colonizadores e do patriarcado branco brasileiro. Tal herança foi certamente denunciada no *Manifesto das Mulheres Negras*, no Congresso das Mulheres Brasileiras realizado na Associação Brasileira de Imprensa, em 2 de julho de 1975:

[...] fruto deste covarde cruzamento de sangue é que agora é aclamado e proclamado como ‘o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira’. Mas se a qualidade do “produto” é dita ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso.<sup>62</sup>

No contraponto dessas reflexões, há outras narrativas que afirmam ter sido a formação do Brasil um processo livre de preconceito racial. Como resultado, essas discussões provocaram o esvaziamento do debate racial no país fazendo-se acreditar que, a ausência de preconceito teria sido a razão principal para uma saudável interação sexual

<sup>60</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 73.

<sup>61</sup> DAVIS, Angela. *Op. Cit.* p. 180.

<sup>62</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 74.

entre o colonizador e as mulheres negras. A exemplo dessa teoria surge nos anos 1930 as teorias do sociólogo Gilberto Freyre.

No Brasil, o Gilberto Freyre, em sua obra **Casa grande & Senzala**, é um dos principais nomes para a contribuição da afirmação da(o) mulata(o) como *produto nacional*. Para Freyre, havia a possibilidade de ascensão social do *mulato*, sob a afirmação de ser esse o *fenótipo brasileiro*, tendo assim a prova de que teriam sido amigáveis as relações entre negros, indígenas e brancos, já que foi "misturando gostosamente com mulheres e logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços".<sup>63</sup> No entanto, Freyre parece ignorar a maneira como aconteceu a formação dessa sociedade mestiça. Discutir o modo como se deu a miscigenação no Brasil significa dilacerar a ferida da exploração sexual de mulheres negras e indígenas, em nome das políticas de branqueamento da população brasileira pela valorização da estética branca. Entendendo, assim, que, a mestiçagem tinha como objetivo o "melhoramento" da raça e, por isso, exaltava das relações interracialis.

Leiamos o que disse Freyre e que esclarece as características atribuídas por Jorge Amado a Gabriela e que, ao mesmo tempo, esclarece o papel que sociólogo atribui à população diaspórica africana e, principalmente, a contribuição da mulher na formação da família brasileira. Segundo ele:

Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. [...] Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos *iniciou no amor físico* e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem.<sup>64</sup>

Ao analisarmos o texto, podemos perceber como o autor tratou as mulheres negras e qual foi sua contribuição para a formação da sociedade brasileira. Ainda segundo Gonzalez, Freyre é um dos principais nomes responsáveis pela "reprodução e perpetuação de um dos mitos divulgados em relação a sensualidade em especial da mulher negra".<sup>65</sup> Para as mulheres oriundas da diáspora sobrou ser: corpo trabalho/sexual. Para Abdias do Nascimento:

A existência da mulata significa o 'produto' do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que em após a brutal violação, a mulata tornou-se só objeto de fornicção, enquanto a mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório. Exploração econômica e lucro definem, ainda outra vez, seu papel social.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* p. 71.

<sup>64</sup> FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* p. 367.

<sup>65</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. Cit.* p. 52.

<sup>66</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 75.

Segundo Lélia Gonzalez, o papel atribuído às mulheres negras seria um “produto de exportação (o que nos remete a reconhecimento internacional, a um assentimento que está para além dos interesses econômicos, sociais etc., embora com eles se articule)”. Ela continua, quando “se diz que o português inventou a mulata, isso nos remete exatamente ao fato de ele ter instituído a raça negra como objeto; mulata é crioula [...]. Isso aí tem mais a ver com as explicações do saber constituído do que com o conhecimento”.<sup>67</sup> A *mulata* é construção, ou seja, transformaram as mulheres negras em alguma condição que atendesse aos interesses colonialismo português. A *mulata* se enquadra na categoria que Gonzalez vai chamar de: “erótico-exótico”.

É importante falarmos isso para, apontarmos quais pontos serão centralizados nesse capítulo. Na intenção de historicizar o sujeito *mulata*, nessa pesquisa quando nos referimos ao termo será com o intuito de caracterizar indivíduos que foram socializados racialmente como tais. Outra mudança significativa na terminologia do contexto da escravidão às palavras mulato (a), especialmente à versão feminina do termo. Os movimentos negro brasileiro refutam a utilização da palavra por dois motivos: 1) linguístico de “mulus” do latim, atualizado por “mula” o animal que surge da cópula de duas raças diferentes – o asno e a égua, que, no século XVI, derivou-se na América hispânica para ‘mulato’ como uma analogia ao caráter híbrido do animal, considerado uma raça inferior já que não possui a possibilidade da reprodução; e 2) cultural – a falsa impressão de democracia racial que há no país, associado à representação das mulheres negras ou mestiças através do corpo branqueado e hiperssexualizado. Fundamentando-se em estudiosos como: Gonzalez, Nascimento para pensar a construção da sociedade e, como as narrativas e o racismo científico corroboraram para a perspectiva de inferiorização desse agente histórico. Iremos nos debruçar na personagem central do romance de Jorge Amado: Gabriela e seu caráter mestiço. Se esse é o lugar dado as mulheres negras na vida social, no eixo literário as coisas também se mostram brutais para nós.

[...] Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar. Não velho e feio, não por dinheiro. *Por gostar de deitar*. [...] Bebinho, moço estudante, casa tão rica! Vinha mansinho, na ponta dos pés, com medo da mãe. Primeiro de todos, ela era menina, foi mesmo seu tio. Ela era menina, de noite seu tio, velho doente.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. Cit.*

<sup>68</sup> AMADO, Jorge. Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior – 2ª ed. São Paulo. p. 165. Grifo meu.

Essa citação de **Gabriela, cravo e canela** marca profundamente a intenção da obra amadiana. Como já discutimos no capítulo anterior é preciso olhar com cuidado para a literatura como fonte historiográfica para lhe atribuir a responsabilidade. É interessante analisarmos o trecho acima para percebermos as qualificações empenhadas a Gabriela. Em primeiro plano vê-se quais são os afazeres e obrigações destinados a Gabriela; a personagem deve ceder sua força de trabalho aos serviços domésticos: limpar, cozinhar, servir. Em segundo plano, o que chama a atenção são atribuições direcionadas à sexualização da personagem violentada pelo tio ainda na infância; objetificada pelo filho de sua patroa. Neste trecho reporta-se algo importante para o entendimento desta pesquisa: o lugar das mulheres negras na literatura brasileira; violação e manipulação sexual desse agente; a herança colonial que ocorre no nosso imaginário, além das representações brutais destinadas a determinados sujeitos históricos tão marginalizados.

De acordo com Lélia Gonzalez, o lugar das mulheres negras é estabelecido no “trabalho doméstico nas casas de família da classe média e da burguesia, ou então a prostituição aberta e mais sofisticada dos dias atuais: profissão de mulata”.<sup>69</sup> Ao confrontarmos a fala de Gonzalez, com o trecho destacado acima, percebe-se como é concreta a perpetuação dessa imagem devastadoramente sexualizada e explorada das mulheres negras no Brasil. E que segundo Nascimento a violação e a “subjugação sexual cometido contra as mulheres negras pelo homem branco continua como prática normal ao longo das gerações”.<sup>70</sup>

Nossa ancestralidade negra foi sequestrada de seu continente, e foram trazidas ao Brasil, onde negros e negras escravizados foram privados de seu convívio familiar e de seu povo, transformados em mercadoria e vendidas para que fossem explorados até sua última gota de suor. Mulheres negras foram compradas, exploradas e estropadas. Tiverem sua força de trabalho sugada, cuidaram de filhos que não eram os seus, acabaram sendo utilizadas como instrumento de violência sexual.<sup>71</sup>

Fortemente marcada por sua sexualidade, Gabriela é a personificação dessa mulata “produto nacional”. Segundo Duarte, a “condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência”.<sup>72</sup> Dito de outra forma:

A representação da mulata “sexual e erótica” no imaginário coletivo ou popular brasileiro [...] encontra eco na maioria das obras eruditas da literatura brasileira. [...] observar que todas descrevem figuras de mestiças que, embora variando

<sup>69</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. Cit.* 41.

<sup>70</sup> NASCIMENTO, Abdias. *Op. Cit.* p. 83.

<sup>71</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. Cit.* p. 183.

<sup>72</sup> DUARTE, Eduardo Assis. *Op. Cit.* p. 06.

ligeiramente de uma para outra, compõe em conjunto uma convenção literária sensivelmente homogênea...os estereótipos da mulata na literatura erudita foram elaborados a partir dos recursos disponíveis na representação coletiva muito bem ilustrado.<sup>73</sup>

Há um ditado popular que escancara as representações problemáticas das mulheres negras no país, que diz: “Branca para casar, negra para trabalhar, mulata para fornicar”. Segundo bell hooks:

As designações dadas aos corpos das mulheres negra mostram a real intensão de uma sociedade baseada na supremacia branca e masculina. Essa lógica não pensa em subverter a imagem sexualizada da mulher negra e continua a perpassar isso como instrumentalização cultural racista do século XIX e que seguem presentes até os dias de hoje<sup>74</sup>

Em **Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade**, Eduardo de Assis Duarte que, “a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. de Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado; a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão”.<sup>75</sup> Duarte nos diz, ainda, que as mulheres negras está presente na literatura brasileira, mas como essa mulher tem sido representada?

- *Para mesa e pra cama*, hein, seu turno...  
[...] não pensava que aquela retirante, coberta de poeira, vestida de trapos, soubesse cozinhar... E que a poeira escondesse tanto encanto, *tanta sedução*... Adormeceu na paz de Deus.<sup>76</sup>

No trecho recortado, podemos observar o lugar dado à personagem feminina central do romance. Há um destaque sobre a sedução de Gabriela, e uma insinuação clara do olhar sexualizado que aqueles homens haviam jogado sobre ela. Segundo Duarte, na literatura a mulher *mulata* é marcada como aquela que detêm um *corpo disponível*. “Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo de *mulier fornicaria* da tradição europeia”.<sup>77</sup>

As performances que são desenhadas à mulher mestiça não aparecem só no trabalho de Jorge Amado, em boa parte da literatura brasileira há aparições de características semelhantes que limitam essas mulheres *mulatas*. Pensando em seu comportamento, em espaços que ocupam, em suas vivências, a antropóloga Mariza

<sup>73</sup> QUEIRÓZ *apud* MUNANGA, 2020. p. 92.

<sup>74</sup> hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Editora elefante. 2019. p. 130.

<sup>75</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. *Op. Cit.* p. 06.

<sup>76</sup> AMADO, Jorge. *Op. Cit.* p. 123, grifos meus.

<sup>77</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. *Op. Cit.* p. 06.

Corrêa afirma que a “mulata é atribuída a ideia de puro corpo, ou sexo, não 'engendrado' socialmente. [...] com sua cintura fina as mulatas. No máximo, provocam descenso social, e, no mínimo, desordem na ordem constituída do cotidiano”.<sup>78</sup> E assim, acontece em *Gabriela, cravo e canela*, como a construção de uma mulher negra encoberta por características melosas, faceiras e exóticas atribuídas ao prazer.

Ao analisar a frase “Tudo podia ser, ela parecia uma criança, as coxas e os seios à mostra como se não visse mal naquilo, como se nada soubesse daquelas coisas, fosse *toda inocência*”.<sup>79</sup> Conceição Evaristo afirma que, Gabriela compõe o que ela chama de: *mulher-natureza*, cujas características são atribuídas a mulheres oriundas da diáspora africana e que, ao serem representadas na literatura são retratadas com traços “de uma ingênua conduta sexual”.<sup>80</sup> Aqui articula-se outros traços atribuídos às mulheres negras: a infantilização. Pois, como afirmou Gonzalez, cabe à figura da negra ou *mulata* “desempenhar, naturalmente, os papéis sociais mais inferiores”.<sup>81</sup>

Ao destacarmos esses adjetivos atribuídos à personagem, apontamos o retrato que esse sujeito histórico recebe na literatura brasileira; a objetificação das mulheres negras como instrumentalização do projeto de inferiorização desse agente. A exemplo disso que foi apresentado acima, o trecho da entrevista do escritor Jorge Amado, publicado no jornal **Leitura**, em setembro de 1958, explicita seus propósitos na criação da personagem Gabriela.

Sempre desejei criar uma personagem que fosse o que eu digo no fim – talvez uma criança, ou o povo quem sabe? Alguém que personificasse a espontaneidade do povo, sua resistência às coisas de que não gosta, a gratuidade de suas afeições, sua liberdade de escolher.

Gabriela, Cravo e Canela (tinha cheiro de cravo e cor de canela, e o nome vem na modinha) reúne vários elementos que o romancista vinha imaginando pôr em livro. Uma história acontecida, gente que conheceu na adolescência. E, principalmente, muita vontade de contar em romance a cordialidade brasileira, esse jeito brasileiro de viver com doçura e que ele reputa um dos elementos mais importantes da cultura nacional.<sup>82</sup>

A infantilização atribuída à Gabriela; é duramente criticada pela escritora Conceição Evaristo. Segundo ela, essa “criança” é também representação de um “povo”, mas que povo é esse no qual Jorge Amado se refere?

Faz-se perceber no recorte acima que, uma das urgências do escritor era relatar a “cordialidade brasileira” e, por fim a “cultura nacional”. Ao relacionarmos esse

<sup>78</sup> CORRÊA, Mariza. *Op. Cit.* p. 40-41.

<sup>79</sup> AMADO, Jorge. *Op. Cit.* p. 133, grifo meu.

<sup>80</sup> EVARISTO, Conceição. *Op. Cit.* p. 24.

<sup>81</sup> GONZALEZ, Lélia. *Op. Cit.* p. 31.

<sup>82</sup> **Leitura**. Rio de Janeiro, setembro de 1958, p. 12.

depoimento do Jorge Amado e cruzá-lo com uma possível interpretação do romance, a absorção social atribuída às negras e *mulatas*, destaca-se, principalmente, pelo seu forte elemento sexual. Mas, é possível observar, também, que o romancista já apresentava a ideia de construir um agente que pudesse ser reconhecido como o representante da identidade nacional.

Sendo a protagonista uma figura feminina, *mulata*, pobre e baiana, Gabriela é envolta por características como sexualidade, crenças, ingenuidades e promiscuidades. Durante boa parte do romance, Jorge Amado a criação imaginária de mulher mestiça, quando a enche de características físicas “atrativas”, da mulher sorridente, dada aos elogios, boa cozinheira, a expressão maior da mestiçagem - a cor de canela. Sexual. Há nela uma forte característica popular, que remete à representação do gênero feminino negro em **Casa-grande & Senzala** de Gilberto Freyre.

### Capítulo III: Literatura amadiana: trajetória política e literária de Jorge Amado

*Não pretendi nem tentei jamais ser universal senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro. Poderia mesmo dizer, cada vez mais baiano, cada vez mais escritor baiano.*

Jorge Amado, Discurso na ABL (17/07/1961)

O ano de 2012 foi marcado por inúmeras comemorações em todo o país com as celebrações dedicadas ao centenário de Jorge Amado. Tais manifestações aconteceram em diversas regiões do Brasil, afinal, homenageava-se o centenário de nascimento de um dos mais expressivos escritores da literatura brasileira, traduzido em mais de 50 países e uma das figuras responsáveis por divulgar a produção literária brasileira no mundo. Segundo Rossi, Jorge Amado “sem sombra de dúvidas, consolidou-se na história da literatura brasileira como uma das carreiras mais bem sucedidas do nosso mercado editorial.”<sup>83</sup> Tendo suas obras presentes em distintas vertentes culturais, dentro e fora do Brasil. A produção ficcional desse escritor navegou “pelos diversos gêneros literários, entre eles o romance [...] e os textos políticos, nos conduz a um universo assombroso de vendas, cujas estimativas podem chegar ao número de 30 milhões de exemplares.”<sup>84</sup>

A calorosa recepção de **Gabriela, Cravo e Canela**, logo iria se fazer pelos números expressivos de vendas. Publicado em 1958, o romance contou com uma massiva divulgação, nas pesquisas que pude recolher nos arquivos digitais, não é custoso encontrar reportagens abordando a publicação, das quais, em um importante veículo de informação afirma: “**Gabriela, Cravo e Canela** marca uma fase nova na obra do popular romancista [...] O lançamento do livro terá lugar depois de manhã.”<sup>85</sup>. A reportagem também é marcada pela divulgação do disco **Canto de Amor à Bahia**, de Dorival Caymmi.

---

<sup>83</sup> ROSSI. Luiz Gustavo Freitas. *Op. Cit.* p. 27.

<sup>84</sup> ROSSI. Luiz Gustavo. *Op. Cit.* p. 27.

<sup>85</sup> **Última Hora**. Rio de Janeiro, quarta-feira, 30 de julho de 1958.



## JORGE AMADO E DORIVAL CAYMMI, AUTOGRA- FAM HOJE PARA O PÚBLICO, AMIGOS E ADMIRADORES, NA LIVRARIA SÃO JOSÉ

Hoje, dia 1 de agosto, sexta-feira, às 17 horas, na Livraria São José 38, autografarão para o público, amigos e admiradores: o consagrado escritor Jorge Amado, o seu novo romance "GABRIELA, CRAVO E CANELA" e o apreciado compositor Dorival Caymmi, os seus long-play "CANTO DE AMOR A BAÍA" e "ACALANTOS DE GABRIELA, CRAVO E CANELA".

Preço do romance "GABRIELA, CRAVO E CANELA", Cr\$ 180,00 — Preço do disco: Cr\$ 300,00.

Remetemos discos e livros autografados para todo o Brasil pelo Reembolso Postal e, no Rio, atendemos a pedidos pelos Fones: 42-0435 e 22-9207. Também entregamos a domicílio.

43834

## CONVERSE COM JORGE AMADO HOJE ÀS 17 HORAS NA LIVRARIA SÃO JOSÉ

E adquira os seus romances autografados  
no momento:

"O país do Carnaval" — "Mar Morto" — "Capitães da Areia" — "ABC de Castro Alves" — "Terras do sem fim" — "São Jorge dos Ilhéus" — "Baía de Todos os Santos" — "Seára Vermelha" — Preço de cada vol. Cr\$ 120,00 — "Os subterrâneos da Liberdade" (3 vols.) Cr\$ 360,00 — "Gabriela, cravo e Canela", Cr\$ 180,00.

LIVRARIA SÃO JOSÉ — Rua São José, 38

Fones: 42-0435 e 22-9207 — Rio de Janeiro

Enviamos livros autografados para todo o Brasil pelo Reembolso Postal e contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado. No Rio atendemos a pedidos pelo telefone e também entregamos a domicílio.

43835

(fonte: Anúncio pago. Correio da Manhã, 1º de agosto/1958, p. 11)

**JORGE AMADO e DORIVAL CAYMMI autografam para o público, amigos e admiradores, na LIVRARIA SÃO JOSÉ**

No próximo dia 1.º de agosto, sexta-feira, às 17 horas, na Livraria São José, à Rua São José, 38, autografarão para o público, amigos e admiradores: o consagrado escritor Jorge Amado, o seu novo romance "GABRIELA, CRAVO E CANELA" e o apreciado compositor Dorival Caymmi, e os seus long-play "CANTO DE AMOR A BAHIA" e "ACALANTOS DE GABRIELA, CRAVO E CANELA".

Preço do romance "GABRIELA, CRAVO E CANELA", Cr\$ 180,00 — Preço do disco: Cr\$ 300,00.

Remetemos discos e livros autografados para todo o Brasil pelo Reembolso Postal e, no Rio, atendemos a pedidos pelos Fones: 42-0435 e 22-9207. Também entregamos a domicílio. (C 6.180)

(fonte: Anúncio pago. Jornal do Brasil. 29 de julho/1958, p 10)

Os anúncios pagos, como nos exemplos acima, publicados nos jornais de grande circulação são encontrados às centenas, demonstrando um esquema pesadíssimo de propaganda e divulgação do novo romance, ao mesmo tempo, em que marca uma espécie de reestrela do autor no "mercado editorial", já que ele havia passado toda a década de 1940 e parte da década de 1950 publicando obras de caráter político e não ficcional. Mas antes desse retorno à ficção, precisamos voltar à estreia do autor na década de 1930.

Jorge Amado é marcado, nos anos 1930, por uma recepção ambígua. Se por um lado, ele é encarado como um propagador fundamental da cultura do nordeste e do Brasil, por outro, é visto como um escritor populista<sup>86</sup> e com uma agenda política e aquele cujo a escrita tem um enorme apelo sexual às personagens femininas. De acordo com Rossi:

A diversidade de interesses e abordagens às quais Jorge Amado e sua obra foram objetos de investigações compõe um vasto universo de estudos, temas e questões que apontam para aspectos importantes [...]. Isto porque ao evidenciarem as relações do romancista com um suposto regionalismo

<sup>86</sup> A obra de Jorge Amado teria sido acusada de cometer "populismo literário" ou apenas literatura de "panfletagem". Rompendo com esse discurso Duarte analisa que "Escrever para o povo", "constitui-se em meta primordial e ponto de partida para a adoção de uma linguagem marcada pela oralidade, com o uso do coloquial configurando-se como grande distintivo da expressão amadiana. No plano do enredo, essa busca do popular leva à absorção dos esquemas de aventura e heroísmo amplamente disseminados no cordel ou no romance de folhetim" (DUARTE, 1996, p. 34). Diante dessas afirmações de Duarte é possível analisar que, tais recursos utilizados por Jorge Amado não se reduzem apenas a um trabalho simplório. Há uma complexidade em torno de sua escrita. Ao entendimento de Rossi, a produção literária amadiana é fruto de um "processo de elaboração formal constitutivo dos projetos políticos e intelectuais que nortearam seus romances" (ROSSI, 2009, p. 22). Ou seja, a literatura amadiana atravessa o formalismo, podendo ser interpretada para além dessa ideia que colocava a obra de Amado como se "não houvesse muito o quê se analisar de 'literário, uma vez que não passariam de simples propaganda política" (ROSSI, 2009, p. 22-23).

literário, suas articulações com o Partido Comunista, a movimentação de Amado no campo intelectual brasileiro e as convenções formais que lançou mão mediante suas distintas posições, entre outros aspectos, esses autores contribuem para fugir de reducionismo, evidenciando o caráter multifacetado da literatura amadiana.<sup>87</sup>

Longe de buscar expressar qualquer ideia maniqueísta, este trabalho pretende analisar historicamente a produção literária e a trajetória dessa figura tão singular e popular da literatura brasileira, aqui e no exterior, especialmente, no que diz respeito à “questão racial” que marca a sua ficção.

### 3.1. A produção ficcional de Jorge Amado nos anos 30

O movimento literário que surge a partir 1930 modificou a literatura brasileira. Intitulado “romance de 30”, é marcado por seu “vínculo com a tradição regionalista do século XIX [...]. Basta lembrar a preocupação com a identidade nacional (e com as diferenças regionais), com a renovação da linguagem literária e a pesquisa das formas populares de expressão.”<sup>88</sup> Outros eventos fomentados em 1922, como a Semana de Arte Moderna ocorrida em São Paulo, delinearão ainda mais as tendências literárias de alguns escritores brasileiros como Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, José Lins do Rego, Erico Verissimo e Jorge Amado. Mas tal movimento literário vai sofrer o impacto causado pela derrubada da República Velha e das novas configurações políticas.

Segundo Aspásia Camargo, em 1930, o Brasil teve de “maneira absolutamente fundamental”<sup>89</sup> sua atuação política centralizada nos Estados. Ainda sobre revolução de 30:

Vargas implantou o sistema no Brasil, com os limites e as dificuldades óbvias de um país rural, pobre, sem infraestrutura, de população rarefeita e mal distribuída, e politicamente oligárquica. O preço desse enclave modernizante, implantado à força em 1930 e 1937, foi a instabilidade política crônica que nos acometeu daí para frente, com sucessivas mudanças constitucionais e no sistema partidário, e surtos de autoritarismo duradouro.<sup>90</sup>

Jorge Amado afirmava que, a “revolução de 30” teria sido popular.<sup>91</sup> Embora o escopo deste trabalho não venha a ser sobre a produção literária dos anos 30, fez-se necessário entender o lugar que o autor estava nesse momento para compreender os

---

<sup>87</sup> ROSSI. Luiz Gustavo de Freitas. *Op. Cit.* p. 23.

<sup>88</sup> DUARTE. Eduardo de Assis. **Jorge Amado: Romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record. 1996. p. 20.

<sup>89</sup> ASPÁSIA, Camargo. Do federalismo oligárquico ao federalismo. In. PANDOLFI, Dulce Chaves. **Repensando o Estado Novo**, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 41.

<sup>90</sup> ASPÁSIA. Camargo. *Op. Cit.* p. 40.

<sup>91</sup> RAILLARD, Alice. *Op Cit.* p. 75.

debates que serão apresentados à frente, já que Amado é comumente associado a imagem de um escritor que “teria conseguido em seus romances apreender de maneira ímpar, numa espécie de drácea concentrada, aquela ‘essência’ que nos define enquanto povo e Nação: a mestiçagem cultura e biológica.”<sup>92</sup> Fazendo assim, para muitos, “de seus livros um hino à cultura negra e mestiça de nosso país e à miscigenação que nos faz ser o que somos”.<sup>93</sup>

Quando em 1937, ano da instauração do Estado Novo e período de muitas transformações na política brasileira que se estendiam a outras esferas da experiência social, a literatura assume uma nova feição. Mais atenta a novas narrativas e temas até então pouco – ou nada – explorados, surge o regionalismo em contraposição à decadência das oligarquias. A fase entre os anos 1930 e 1940, seria definidora na construção de uma narrativa para a formação da identidade nacional, marcada por profusos acontecimentos políticos, sociais e culturais. Faz-se importante, portanto, não descolar o debate sobre a “democracia racial” do da formação do Estado brasileiro.

Segundo Rossi, **Jubiabá** (1935), **Mar Morto** (1936) e **Capitães de Areia** (1937), constituíram o tripé analítico da produção ficcional amadiana, “na medida em que inauguram uma forma diferenciada de abordar as categorias raciais”<sup>94</sup>. Mas, afinal, que nova abordagem era essa? Quais suas pretensões?

O negro, em **Jubiabá**, emerge enquanto um sujeito portador de uma cultura própria e partilhar, entretanto, sem romper em definitivo com o sentido orgânico que a chave racial oferecia: o corpo das mulheres requebrava “ritualmente”, sem com isto, deixar de requebrar de maneira “sexual” e “dengosa” como “*corpo quente de negra*”. Ou seja, em apenas um parágrafo, Jorge Amado consegue sintetizar estas duas dimensões, biológica e cultural, que o negro – a negra no caso – encerraria na sua constituição enquanto grupo e indivíduo.<sup>95</sup>

Embora o cerne deste trabalho não seja o de elaborar qualquer comparação entre **Jubiabá** e **Gabriela, cravo e canela**, é possível perceber que alguns elementos narrativos que tratam a “questão racial” em **Jubiabá**, romance anterior a **Gabriela**, reaparecem no modo como o corpo das mulheres negras é apresentado: não só “apreendido pela sua economia dos gestos, movimentos e técnicas sociais e culturalmente condicionados”, mas também é preciso notar que já estão atribuídas “características intrínsecas a sua natureza

---

<sup>92</sup> ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. As cores e gênero da revolução. Versão modificada da dissertação de Luiz Gustavo Freitas Rossi. 2004. p. 149

<sup>93</sup> OLINTO apud ROSSI. *Op. Cit.* p. 28.

<sup>94</sup> DUARTE. Eduardo de Assis. *Op. Cit.* p. 87.

<sup>95</sup> ROSSI. Luiz Gustavo Freitas. *Op. Cit.* p. 96.

física”<sup>96</sup>, aspectos que detalhamos no capítulo anterior. Rossi sugere que, para Jorge Amado, a categoria “negro” atravessava a ideia de cor. Ainda de acordo com o autor:

E aqui, podemos perguntar: qual o sentido do ser negro para Jorge neste momento? Pois a passagem em questão nos leva a suspeitar que não se trata meramente de uma cor física [...] não era negra devido à composição fenotípica de sua população, mas sim em função de sua realidade cultural sincrética e “espiritualmente” mestiça.<sup>97</sup>

É perceptivo a afinidade entre as ideias de Jorge Amado e o projeto racial amplamente compartilhado pela elite intelectual da década de 1930. Nessa abordagem, que coloca a herança africana como parte substancial da formação do povo brasileiro e que marca não só a geografia do corpo desse povo, mas também a “alma”, segue explícita a referência a Gilberto Freyre, quando afirma: “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo [...] a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro [...] principalmente do negro.”<sup>98</sup>

Para o antropólogo, Gustavo Rossi, essa referência ao pensamento de Freyre, quase que escancarado na ficção amadiana, é alerta para que, ao , “retomar estas discussões em torno de uma literatura proletária e o diálogo de Amado com os estudiosos ‘da raça’ deve-se ao cuidado de não forjar uma interpretação ‘desencarnada’ de sua obra ficcional.”<sup>99</sup> Pois a questão está centrada na busca da historicidade da atuação e criação literária do autor, destacando a importância desses debates no meio intelectual para uma análise que se aproxime da obra. Ou seja, é preciso lembrar que:

A criação literária traz como condição necessária uma carga de liberdade que a torna independente sob muitos aspectos, de tal maneira que a explicação dos seus produtos é encontrada sobretudo neles mesmos. Como conjunto de obras de arte a literatura se caracteriza por essa liberdade extraordinária que transcende as nossas servidões. Mas na medida em que é um sistema de produtos que são também instrumentos de comunicação entre os homens, possui tantas ligações com a vida social, que vale a pena estudar a correspondência e a interação entre ambas.<sup>100</sup>

A década de 1930 marcou dois pontos importantes para o debate das artes e da cultura. O primeiro diz respeito à questão racial que buscava novas referências teóricas e enfatiza “as dimensões socioculturais, ao invés das físicas e biológicas, para se pensar o tema”. E o segundo ponto se tratava das “discussões em torno de uma literatura engajada e da prática de um romance proletário no campo intelectual brasileiro que ofereceram

---

<sup>96</sup> ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *Op. Cit.* p. 96.

<sup>97</sup> ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *Op. Cit.* p. 97.

<sup>98</sup> FREYRE, Gilberto. *Op. Cit.* p. 367.

<sup>99</sup> ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *Op. Cit.*

<sup>100</sup> CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios.** p. 163.

importante ‘suportes’ para Jorge Amado viabilizar a arte.”<sup>101</sup> Gustavo Rossi aqui se aproxima e compartilha da mesma análise de Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês:

Em 1930, opera-se no Brasil uma evolução que buscava novos caminhos na orientação política do país, tendo como preocupação principal o desenvolvimento social. Uma tal orientação não podia mais se adequar às teorias raciológicas do fim do século XIX, tornadas obsoletas.<sup>102</sup>

Segundo Rossi, **Casa-Grande & Senzala** foi bem recebido pela crítica e, somado a isso, sua participação no 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife, em 1934, “renderam a Gilberto Freyre prestígio suficiente para que seu nome passasse a figurar, em âmbito nacional, como um dos principais *donos dos assuntos negros*”.<sup>103</sup>

É nesse contexto social e intelectual que a obra do sociólogo Gilberto Freyre, **Casa-Grande & Senzala** (1933) surge. Tratando fundamentalmente sobre o debate da mestiçagem e da identidade nacional, “narra uma história do mundo agrário e escravista do nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII.”<sup>104</sup> Discurso que instrumentaliza o mestiço como símbolo da brasilidade e que posiciona a figura do negro como elemento construtivo na elaboração de uma identidade nacional. Para Rossi, Freyre “promoveu uma ‘inversão valorativa’ do papel do mestiço e da mestiçagem na sociedade brasileira.”<sup>105</sup>

Mais uma vez Rossi, segue os caminhos de Munanga:

Em **Casa grande e senzala**, Freyre narra uma história social do mundo agrário e escravista do nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII. No quadro de uma economia latifundiária baseada na monocultura da cana-de-açúcar, nota-se um desequilíbrio entre sexos caracterizado pela escassez de mulheres brancas. Daí a necessidade de aproximação sexual entre escravas negras e índias com os senhores brancos; aproximação que, apesar de assimetria e da relação de poder entre senhores e escravos, não impediu a criação de uma zona de confraternização entre ambos. Essa aproximação foi possível, segundo Freyre, graças à flexibilidade natural do português.<sup>106</sup>

Assim, Munanga expõe como Freyre explica a origem da nossa miscigenação. O “bem fazer” das nossas relações harmoniosas teria resultado na miscigenação e, conseqüentemente, na mulata, nosso “genuíno produto nacional”. Pois, dessa forma, teríamos, teoricamente, diminuído a distância entre a casa grande e a senzala. O antropólogo brasileiro-congolês alerta, então, para o lugar social privilegiado no qual

---

<sup>101</sup> ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *Op. Cit.* p. 25

<sup>102</sup> MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.* p. 82.

<sup>103</sup> ROSSI, Gustavo. **As cores da revolução**. *Op. Cit.* p. 52.

<sup>104</sup> MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.* p. 82.

<sup>105</sup> ROSSI, Gustavo. *Op. Cit.* p. 51.

<sup>106</sup> MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.* p. 82.

Freyre se posiciona quando invisibiliza e emudece qualquer sujeito subalterno, já que aponta sua interpretação é vista a partir da dominação: “a família patriarcal do nordeste do Brasil era o grande fator da colonização e o princípio único da autoridade, obediência e coesão”.<sup>107</sup>

Como destacamos no primeiro capítulo desse trabalho, seguindo os estudos do sociólogo Pierre Bourdieu: autor e produção literária, por vezes se misturam, ou seja, para compreendermos a escrita é preciso recorrer à trajetória de quem a escreveu.<sup>108</sup> No caso do escritor Jorge Amado, há uma influência ainda mais específica causada pelas transformações sociais, políticas, culturais e econômicas vivenciadas pelo escritor, pois o “modernismo, tenentismo e comunismo funcionarão como referências muito precisas numa trajetória em que política e literatura vão caminhar lado a lado”.<sup>109</sup> Além das questões já abordadas, a pesquisa apontou também para uma “radicalização ideológica operada em toda a literatura mundial pelo confronto do comunismo com fascismo”, que veremos no próximo ponto.<sup>110</sup>

### 3.2. Jorge Amado, União Soviética e a Literatura

Exilado na França entre 1948 e 1949, Jorge Amado conseguiu alcançar um substancial destaque dentro no cenário literário internacional. Nesse período do exílio,<sup>111</sup> o autor “integrou-se ao meio comunista francês [...] que tinha nessa cidade um dos principais pontos de confluência de suas redes intelectuais”.<sup>112</sup>

Sua primeira publicação na extinta URSS foi **São Jorge dos Ilhéus** e a recepção editorial soviética refere-se à produção literária amadiana do seguinte modo: “No romance do escritor comunista, descreve-se a vida de uma cidade e do interior brasileiro que estão ligados à produção de cacau”.<sup>113</sup> Descrita por importantes veículos soviéticos de publicação como uma verdadeira cartilha política, muito mais que uma produção

---

<sup>107</sup> MUNANGA, Kabengele. *Op. Cit.* p. 83.

<sup>108</sup> Assunto foi abordado no primeiro capítulo, utilizando como referência: A ilusão bibliográfica de Pierre Bourdieu, no qual a centralidade da discussão está cunhada na ideia de trajetória.

<sup>109</sup> DUARTE. Eduardo de Assis. *Op. Cit.* p. 20

<sup>110</sup> DUARTE. Eduardo de Assis. *Op. Cit.* p. 20.

<sup>111</sup> Jorge Amado torna-se deputado pelo Partido Comunista em dezembro de 1945. Manteve-se no cargo até janeiro de 1948, quando após uma nova interdição do PCB o escritor ver-se obrigado a exilar-se na Europa (França), onde irá permanecer até 1949.

<sup>112</sup> RIDENTI apud DARMAROS. **Caso Jorge Amado: O poder soviético e a publicação de Gabriela, Cravo e Canela.** São Paulo. 2020. p. 100.

<sup>113</sup> DARMAROS. Marina. *Op. Cit.* p. 101.

ficcional, **São Jorge dos Ilhéus** “teve significado mais político e não foi um evento na vida cultural da URSS.”<sup>114</sup>

Às vésperas de 6 de dezembro de 1948, Jorge Amado escrevia: “Eu ria e pilheriava mas, em verdade, devo confessar que a emoção da viagem me embargava, sentia-me nervoso e impaciente: o destino da minha viagem era a URSS”<sup>115</sup>. A primeira visita de Jorge Amado a União Soviética irá render um livro intitulado **Mundo da paz**, livro publicado no Brasil em 1951, no qual narra a sua passagem pela URSS. Para o escritor, tratava-se de “simples notas de viagem, despreziosas”.<sup>116</sup> Ele continua:

Sentir-me-ei alegre se este meu livro for útil à luta do povo brasileiro contra o imperialismo yanque, pela sua libertação nacional e pela paz. Como uma contribuição à luta pela paz eu o escrevi e como homenagem de um escritor 70º aniversário, sábio dirigente dos povos do mundo na luta pela felicidade do homem sobre a terra.

Jorge Amado deixa a URSS em janeiro de 1949, entusiasmado com o que presenciou por lá. Retorna imediatamente à Paris para dar continuidade às atividades políticas e continuar a organização do Primeiro Congresso Mundial dos Partidários da Paz, que aconteceu na capital francesa entre os dias 20 e 25 de abril de 1949. O congresso contou com a “participação de mais de dois mil delegados, representando 600 milhões de homens 72 nações”<sup>117</sup>. Ao final deste ano, Amado foi obrigado a retirar-se da França.

Algumas publicações irão marcar a trajetória editorial de Jorge Amado na União Soviética. Quando traduzido e publicado, **Os Subterrâneos da Liberdade** é tratado com grande entusiasmo, uma vez que, o escritor teria seguido “à risca o método do realismo socialista.”<sup>118</sup> A produção ficcional foi publicada na URSS antes mesmo sê-lo em território brasileiro – o que não era comum até então.

Segundo Amado, o livro foi escrito em pleno exílio, enquanto estava na Tchecoslováquia. “Havia anos, praticamente desde que eu fora eleito deputado em 46, que eu ficara totalmente absorvido pela atividade política” desde então o autor “não escrevia nenhum romance.”<sup>119</sup> Teria sido esse o romance que levaria Amado a apartar-se das atividades do partido e a se dedicar integralmente à “profissão de escritor.”<sup>120</sup> O escritor iria justificar tal afastamento, alegando estar convencido dos crimes cometidos

---

<sup>114</sup> DARMAROS. Marina. *Op. Cit.* p. 102.

<sup>115</sup> AMADO. Jorge. **Mundo da paz**. Rio de Janeiro. Editora Vitoria. 1952. p. 13.

<sup>116</sup> AMADO. Jorge. *Op. Cit.* p. 09.

<sup>117</sup> AMADO. Jorge. *Op. Cit.* p. 43.

<sup>118</sup> DARMAROS. Marina. *Op. Cit.* p. 117.

<sup>119</sup> RAILLARD. Aline. *Op. Cit.* p. 136.

<sup>120</sup> RAILLARD. Aline. *Op. Cit.* p. 136.



por Stalin. De acordo com Amado, na época em que **Os Subterrâneos da Liberdade** foi escrito, ainda era “realmente um Stalinista”. Sobre o romance o autor continua:

*Subterrâneos* é um livro importante. Em primeiro lugar, os fatos sobre os quais o romance se funda, a luta do Estado Novo contra o povo brasileiro e dos comunistas contra o Estado Novo, tudo aquilo aconteceu, são fatos históricos. Foram aumentados, é verdade, principalmente no que se refere à luta popular; talvez ela não tivesse tido esta mesma dimensão na realidade [...]  
Ao mesmo tempo, é um romance alentado. Sua forma não me agrada em nada, é um romance que eu escrevia do jeito que vinha, sem me preocupar com o estilo; o que mais me interessa era o que eu escrevia, o conteúdo muito mais do que a forma[...]. Tive muito trabalho montando todo um universo muito grande, onde coexistem pessoas de classes sociais diferentes, desde a burguesia até o povo mais pobre. Foi portanto um livro importante também para mim como romancista, foi uma aprendizagem do romance.<sup>121</sup>

Podemos notar que a percepção de Amado diante de sua produção literária difere daquela da recepção literária soviética. Enquanto na URSS estava sendo reafirmada a fidelidade do escritor à literatura realista socialista, ele declarava não estar satisfeito com a estrutura – ou a falta dela - obtida no romance. Deixando bem claro que, além de não gostar do formato, o acaso teria lhe feito chegar a ele. Teria mesmo sido um acaso?

Ao analisarmos a recepção dada a produção ficcional de Jorge Amado, podemos perceber *a priori* uma certa comunhão de ideias, entre Amado e a URSS. A narrativa que aborda as questões sociais e políticas, com inflamado discurso de paixão à União Soviética.

De acordo com Darmaros, as transformações geradas pelo momento político “vivido por Jorge Amado é importantíssimo para entender o ponto de viragem representado na produção do autor pela publicação de **Gabriela, cravo e canela**”. Ela ainda explica sobre como o romance irá gerar tantas discussões entre os membros da URSS. Mas vemos que não somente os soviéticos irão questionar essa produção, causando acalorados debates entre os colegas partidários, amigos próximos e, claro, outros setores sociais, que ficarão surpresos com os novos rumos narrativos do escritor:

Os quatro anos de intervalo entre a publicação de **Gabriela** e da obra anterior de Amado no Brasil (**Os subterrâneos da Liberdade**, de 1954) são marcados pelo discurso secreto proferido por Nikita Khrushov no 20º Congresso do Partido Comunista (1956) pelo ponto final no culto à personalidade que se promoveu após a morte de Stálin (1953), além da desilusão e certo distanciamento de Jorge do partido.<sup>122</sup>

Contrariante ao que aconteceu com **Os Subterrâneos da Liberdade**, **Gabriela** será acusada de romper com a convencional *literatura progressista* soviética. Segundo

<sup>121</sup> RAILLARD. Aline. *Op. Cit.* p. 136.

<sup>122</sup> DARMAROS. Marina. *Op. Cit.* p. 124.

Darmaros, “os ecos do discurso de Khrushchov não foram necessariamente favoráveis à publicação de **Gabriela na Rússia**”<sup>123</sup> Um jornal chamado **Mundo Ilustrado**, em 1958, fará uma comparação entre **Os Subterrâneos da Liberdade** e **Gabriela, Cravo e Canela**:

Jorge Amado concluiu um novo romance, o que deu o título de **Gabriela, Cravo e Canela** e será editado pela Martins de São Paulo. É o primeiro trabalho de ficção que realiza depois da experiência frustrada em **Subterrâneos da Liberdade**, quando tentou construir um romance dentro das grandes linhas do chamado realismo socialista, de modo a dar prioridade ao interesse político sem prejuízo do interesse literário. Em **Gabriela, Cravo e Canela**, terá voltado às fontes de lirismo e ternura humana [...]. Na própria União Soviética o realismo socialista não conseguiu impor-se como escola ou doutrina pacífica.<sup>124</sup>

A autora diz que, apesar da esperada repercussão negativa no discurso Khrushchov, seriam os soviéticos que demonstravam certa resistência em publicar **Gabriela**. Em 1959, Jorge “Amado não comparece ao III Congresso da União dos Escritores Soviéticos” e:

Vários responsáveis do PC, alguns que até eram meus amigos, claro que sob instruções da direção, que permaneceu stalinista, aferrada ao poder que possuía no Partido, atacaram-me violentamente. Trataram meu livro de lixo, inclusive amigos meus. [...] Fizeram comigo como se fazia na URSS, no Pravda, com todos os escritores que não seguiam exatamente a linha oficial.<sup>125</sup>

O escritor vai se defender dessas acusações alegando que “recorria ao discurso político como se pensasse que a ação fosse insuficiente para mostrar a realidade”<sup>126</sup>. Dizendo não poder “transformar toda realidade em ação”, Amado defende ser por essa razão que não conseguiria deslocar discurso político da sua produção ficcional. O que Amado parece defender é que há em **Gabriela** o teor político presente em toda a literatura amadiana. Afinal, o “romance é a configuração de uma realidade produzida a partir das experiências das relações entre os seres sociais”.<sup>127</sup>

Portanto, sendo qual for o direcionamento político de Jorge Amado quando escreveu **Gabriela, cravo e canela**, nem de longe o romance estará esvaziado. A produção pode apresentar-se distante do formalismo socialista, colocando-se muito mais próximas da exaltação sexual da personagem central. Dito isso, acredito ser importante lastrear sobre a construção de uma breve descrição da trajetória literária de Jorge Amado e suas repercussões.

---

<sup>123</sup> DARMAROS. Marina. *Op. Cit.* p. 139.

<sup>124</sup> **O mundo Ilustrado**. Rio de Janeiro, 1958.

<sup>125</sup> RAILLARD. Aline. *Op. Cit.* p. 265.

<sup>126</sup> RAILLARD. Aline. *Op. Cit.* p. 267.

<sup>127</sup> FERREIRA. Ligia dos Santos. *Op. Cit.* p. 24.

## Considerações Finais

O presente trabalho possibilitou desenvolver uma análise acerca da escrita literária brasileiro, buscando compreender o contexto histórico no qual foi produzido, bem como o reconhecimento de que tal romance influi na percepção social sobre as mulheres negras, reforçando – ou melhor formando – um imaginário perigoso que coloca esses agentes históricos num lugar de subalternidade e vulnerabilidade. Embasando-se em teóricos célebres que trabalham com temas relacionados ao desse estudo, entender como se deu a construção literária amadiana até publicar **Gabriela**, em 1958.

**Gabriela, Cravo e Canela** conta a história de uma mulher retirante que foge da seca e vai em direção a Ilhéus no sul da Bahia. A personagem central do romance será encontrada por um comerciante local, no lugar chamando “mercado dos escravos”. Depois desse acontecimento a narrativa se prende a alguns conflitos da cidade, e é claro, na relação que a personagem irá estabelecer entre ela e o comerciante. No entanto, este trabalho não pretende limitar-se à descrição narrativa do romance.

Primeiro a escravidão, seguindo o pós-abolição e a imigração europeia no final do século XIX, deixaram profundas cicatrizes na história do Brasil. Uma dessas consequências será a miscigenação. Defendido por alguns autores como parte do processo de integração racial, a miscigenação teria gerado o verdadeiro produto nacional: a *mulata*. Gabriela aparece no romance como a personificação desse produto, uma mulher *mulata* que esbanja sexualidade, infantilização e subalternização.

O processo racial brasileiro é fruto das relações escravagistas, imigratórias, políticas e sociais. A *mulata* é transformada na criação genial dessas relações, o discurso da democracia racial esvaziou todos os conflitos gerados pelo processo dessa criação, ou seja, os inúmeros abusos sofridos pelas mulheres negras e indígenas, como também ignora as consequências dessa miscigenação. Como foi apresentado no segundo capítulo as mulheres negras são apresentadas como a resultado dessa mistura; o romance amadiano se apropria dessa narrativa, e transforma Gabriela na personificação da *mulata* brasileira.

A questão central da pesquisa era entender qual o papel das mulheres negras na literatura amadiana no período estudado, e compreender como essas narrativas ficcionais podem estar ligadas aos processos históricos no Brasil.

Os objetivos específicos do trabalho foram respondidos, o debate sobre a literatura como fonte primária da pesquisa; a importância de compreender que a literatura pode ser interpretada para além do uso artístico. A produção ficcional pode exercer um papel social

e político amplo, estendendo suas interpretações. Logo, faz-se necessário seu uso para a compreensão, já que sua produção se apresenta como um instrumento de análise. Deste modo, é preciso prosseguir com as investigações historiográficas, pois está longe do esgotamento.

O segundo objetivo destacava a situação racial nacional por meio do mecanismo literário, o capítulo se apegou aos embasamentos teóricos de autores fundamentais nos estudos raciais brasileiro, pois trata-se de uma temática vasta e complexa. Afinal, a questão racial no Brasil, é um assunto amplamente discutido com inúmeras interpretações e análises, mas que apesar de tantos estudos a respeito, encontra-se longe do derradeiro debate.

O último objetivo concentrava-se em analisar a trajetória política e literária do escritor Jorge Amado, *a priori* o mais simples dos debates, mas que exigia uma percepção bem extensa sobre o autor. Pontuar suas nuances mais relevantes para a pesquisa, como por exemplo, sua participação no Partido Comunista e como essa relação influenciou sua produção.

Seguindo o que fórmula Antonio Candido e sua interpretação sobre a literatura, a pesquisa analisa sistematicamente apegada a tantas outras leituras e autores que possam auxiliar na elaboração metodológica do trabalho. O conceito de trajetória de Pierre Bourdieu, tal como a definição de mestiçagem do sociólogo Kabengele Munanga, ou o detalhamento de como se deu o processo migratório no Brasil, elaborado pela historiadora Seyferth. Todo esse suporte serviu de arcabouço teórico para compreensão do discurso a respeito mulheres negras no processo racial brasileiro. A pesquisa centrou-se no estudo literário e na ordem narrativa que denomina os limites sociais desses agentes históricos que na compreensão social não são negros, mas também não podem ser assimilados como brancos. A *mulata* transita no limbo que lhe rouba qualquer rastro de negritude plena.

Um tema notoriamente amplo, no qual essa pesquisa está longe de esgotar todas essas profundas discussões e apenas apontou alguns possíveis caminhos de investigação.

A miscigenação aparece como herança da escravidão no Brasil, mesmo anos após a abolição da escravidão. Esses corpos aparecem anulados de sua independência, circulam de um lado para o outro em detrimento do desejo masculino. Afinal, Gabriela serve somente a Nacib? Ou parte de sua subserviência também é aproveitada por Amado. As máscaras dos abusos, historicamente perseguem essas mulheres. A pesquisa tinha como propósito apontar essa continuidade, apontando que não apenas as narrativas literárias,

mas também as sociais, usufruem da geografia corporal das mulheres negras. A imagem da *mulata* vendida como amostra principal da sociedade brasileira

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 51. ed. Rio de Janeiro: Record / São Paulo: Martins. 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Bibliográfica. In: Janaina Amado e Marieta Moraes Ferreira, coordenadoras. **Usos & Abusos da história oral** – 8. ed. – Rio de Janeiro. Editora FGV, 2006.
- BOSI, Alfredo. **Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária**. 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul. 2006.
- CHALHOUD, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A história contada: capítulos de História social da literatura no Brasil**. Organizadores, Sidney Chalhoud, Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1998.
- CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da mulata**. Cadernos pagu. 1996.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** – 1. Ed. São Paulo. Boitempo, 2016.
- DARMAROS, Marina Fonseca. **O poder Soviético e a publicação de Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo. 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. Revista de Estudos Literários. vol. 17 – A, 2009.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: Romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record. 1996.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte: SCRIPTA. 2009.
- FERREIRA, Lígia dos Santos. **De Gabriela a Tieta: a configuração das heroínas periféricas amadianas nos espaços de modernização rural e urbana**. Maceió. 2010.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo. Global. 2003.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 2020.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra** – 5ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2020.
- hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora elefante. 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado** – 3ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro. Record. 1990.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As cores e gênero da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Unicamp. 2009.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117 – 149, 2002.